

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

## Italo Moriconi sobre Ana Cristina Cesar

Raquel Machado Galvão, Italo Moriconi

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9441>

Submetido em: 2024-07-17

Postado em: 2024-08-12 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

A moderação deste preprint recebeu o endosso de:

Viviana Bosi (ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0217-494X>)

## Italo Moriconi sobre Ana Cristina Cesar

### Raquel Machado Galvão

Pesquisadora de Pós-Doutorado da Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1776-4563>

### Italo Moriconi

Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ, 1986 – 2019); Atualmente, é pesquisador visitante da FAPERJ na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3914-923X>

### RESUMO

Trata-se de um depoimento concedido por Italo Moriconi Júnior em agosto de 2023. Compõe o arquivo *online* da pesquisa de pós-doutorado "Conexões críticas de Ana Cristina Cesar: novos olhares sobre a literatura brasileira do século XX" (FAPESP – FFLCH – USP) e aborda a relação de Cesar com as teorias de Mário de Andrade e de Antonio Candido, assim como descreve a atividade intelectual por ela mobilizada no jornal *Opinião* durante os anos 1970.

### Palavras-chave:

Ana Cristina Cesar; Antonio Candido; Conexões Críticas; Italo Moriconi; Mário de Andrade.

## Italo Moriconi about Ana Cristina Cesar

### Raquel Machado Galvão

Postdoctoral Researcher at the University of São Paulo (USP), São Paulo, Brazil.  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1776-4563>

### Italo Moriconi

Professor at the State University of Rio de Janeiro (UERJ, 1986 – 2019); Currently a visiting researcher funded by FAPERJ at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brazil. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-3914-923X>

### ABSTRACT

This is a testimony given by Italo Moriconi Junior in August 2023. It forms part of the online archive of the post-doctoral research project "Ana Cristina Cesar's critical connections: new views about Brazilian literature of the 20th century" (FAPESP – FFLCH – USP) and explores Cesar's relationship with the theories of Mário de Andrade and Antonio Candido, as well as describing her intellectual contributions to the *Opinião* newspaper during the 1970s.

### Keywords:

Ana Cristina Cesar; Antonio Candido; Critical Connections; Italo Moriconi; Mário de Andrade.

## Apresentação

Italo Moriconi — crítico, curador literário, ensaísta, poeta e professor brasileiro — teve uma relação de amizade com Ana Cristina Cesar nos fins dos anos 1970 e começo dos anos 1980. Publicou, em 1996, uma espécie de "esboço de biografia" da escritora: *Ana Cristina Cesar: O sangue de uma poeta*. Além disso, foi o único intelectual atuante nos anos 1970 a elaborar um texto crítico em colaboração com Cesar: "O poeta fora da república: o escritor e o mercado"<sup>1</sup>, publicado no *Opinião* em 1977. Ambos participaram da criação do *Beijo* (1977), jornal alternativo que representou, segundo Moriconi, um "sonho de autogestão dos jornalistas revolucionários dos anos 1970" (MORICONI, 1996, p. 42)<sup>2</sup>.

Em 2016, na ocasião da homenagem à escritora na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip – 2016), Moriconi colaborou para o Jornal *Folha de São Paulo*, com o artigo "Um passeio pelo baú de Ana Cristina Cesar, a poeta homenageada da Flip" (MORICONI, 2016)<sup>3</sup>. Em 2020, apresentou a palestra "Um passeio pelo baú de Ana Cristina", no evento organizado pelo Fórum Mulher Unirio e pelo grupo de estudos Poesia Contemporânea no Feminino, coordenado pelas professoras Masé Lemos e Carla Miguelote<sup>4</sup>.

Para a pesquisa *Conexões Críticas*, Italo Moriconi concedeu um depoimento presencial em agosto de 2023 no Rio de Janeiro, cidade natal de Ana Cristina Cesar e onde o pesquisador vive. A conversa, editada em tópicos, traz informações de interesse aos pesquisadores e interessados na obra da escritora, uma vez que apresenta raros dados sobre as afinidades intelectuais e os afastamentos críticos de Cesar, cujo ápice da produção intelectual se deu nas décadas 1970 e 1980.



Ana Cristina Cesar e Italo Moriconi em Porto Alegre, Janeiro de 1977<sup>5</sup>

<sup>1</sup> CESAR, Ana Cristina; MORICONI, Italo. O poeta fora da República: o escritor e o mercado. *Opinião*, Rio de Janeiro, n° 229, p. 20 - 21. 25 mar., 1977.

<sup>2</sup> MORICONI, Italo. *Ana Cristina Cesar: o sangue de uma poeta*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

<sup>3</sup> Matéria disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/serafina/2016/07/1785340-um-passeio-pelo-bau-de-ana-cristina-cesar-a-poeta-homenageada-da-flip.shtml>. Acesso em: 10 dez. 2023.

<sup>4</sup> "Um passeio pelo baú de Ana Cristina", palestra ministrada por Italo Moriconi, no evento disponível para acesso na plataforma YouTube: <https://youtu.be/eYWqcL45FjY>. Acesso em 14 jun. 2023.

<sup>5</sup> Fotografia não identificado. Acervo Ana Cristina Cesar/IMS. In: CESAR, Ana Cristina. *Inconfissões: fotobiografia de Ana Cristina Cesar*. Organização e prefácio: Eucanaã Ferraz. São Paulo: IMS, 2016. p. 84.

## Primeiras conexões com Ana Cristina Cesar

Quando eu cheguei ao Rio de Janeiro, em 1976, Ana Cristina foi uma das pessoas com quem eu estabeleci uma relação de amizade. Nunca houve nada erótico entre nós, embora nosso contexto social fosse cheio de trânsitos e de transas: éramos jovens na época da contracultura. Quem nos apresentou foi uma amiga em comum, a Sônia Palhares.

Nessa época, eu fazia mestrado na PUC do Rio de Janeiro e estabeleci uma relação de amizade literária muito forte com duas pessoas: Ana Cristina Cesar e Paulo Henriques Britto. Em diferentes círculos, Paulo era meu colega como professores de inglês no IBEU de Copacabana, Ana Cristina Cesar fazia pós-graduação na PUC, migrando, em seguida, para a UFRJ. Na PUC, ela liderou um movimento porque houve um corte de bolsas que a atingiu. Ela tinha isso de ser um pouco ativista.

A nossa relação era muito literária e, ao conversar sobre poesia, eu percebia que era "mais ignorante" do que ela quando o assunto era poesia brasileira. Minha primeira formação poética foi em inglês-francês, a partir de conhecimentos que adquiri em cursos da Aliança Francesa e da Cultura Inglesa, assim como em disciplinas optativas que cursei na UnB na graduação em Ciências Sociais. Eu lia por minha conta, buscando aprender alguma coisa sobre poesia. Entrei no mestrado porque queria diminuir essa lacuna. Ana Cristina conhecia muito mais, porque ela tinha feito a graduação em Letras.

## Ana Cristina Cesar e Mário de Andrade

O Mário de Andrade foi um assunto constante com Ana Cristina Cesar. Diante dele, a gente tinha uma polêmica: eu insistia que, apesar de amar *Macunaíma*, achava Mário de Andrade péssimo poeta, e ela tentava me mostrar que não era bem assim. Ana Cristina foi realmente a primeira pessoa que me chamou atenção para o Mário de Andrade e para a sua poética. Neste sentido, ela representou uma abertura na minha relação com a literatura.

A poesia de Mário de Andrade, como o próprio Antonio Candido disse, era irregular. Mas hoje em dia, a gente até questiona "o que significaria irregular na poética", porque eu acho que a crítica literária não está trabalhando tanto com parâmetros de hierarquização formal. Qualquer escrito pode ser considerado literatura dependendo do olhar crítico. O fato é que me tornei muito ligado à obra do escritor modernista e reconheci nessa irregularidade poética um valor. O que me parecia uma frouxidão no universo de Mário de Andrade, de repente, comecei a ver como estética e poética marcantes.

Nisso eu trazia a influência de toda uma pedagogia concretista, pois quando fazia graduação em Ciências Sociais, o livro que mais me impressionou de literatura foi *Metalinguagem* do Haroldo de Campos, que critica Drummond e Cabral, e faz uma releitura

da história literária brasileira. Em princípio, minha formação me levava mais para uma estética da elipse, do menos é mais, etc. Com a descoberta dos valores estéticos no Mário, passei a incorporar uma discursividade maior na vida e na arte.

### **Ana Cristina Cesar e Antonio Candido**

A valorização do Antonio Candido pela Ana Cristina era algo contra a corrente, porque na PUC-Rio atuavam o Costa Lima, o Silviano Santiago e o Affonso Romano de Sant'Anna, que escreveu um texto no qual critica o Antonio Candido. A PUC não era um ambiente favorável ao Antônio Cândido, que estava se consolidando como teórico naquele momento.

No que abarca a teoria, Ana Cristina Cesar era um "patinho feio" na Católica, tanto que depois foi para a Federal atraída pelo que se lia lá. Tirando a massa de professores estruturalistas, o que se lia na UFRJ era endossado pela Heloísa Buarque de Hollanda, atual Heloísa Teixeira, que criou um grupo de estudos que discutia Antonio Candido e levou a bibliografia da USP e valorização do Mário de Andrade para o Rio de Janeiro.

Além da influência de Heloísa, havia um debate que era muito importante para a Ana Cristina e que, naquele momento, não prosperava tanto dentro da universidade: a literatura como uma coisa que está no mercado, que se dirige ao público em geral. Estar no mercado não significava que você iria fazer uma poesia ou uma prosa só para vender, mas que se poderia trabalhar como tradutor, por exemplo.

Ana Cristina buscava os trabalhos possíveis na área da literatura tentando encontrar alternativas à docência. Diante de uma posição ambígua entre ser professora ou não, o sonho dela era atuar como uma espécie de operária, uma jornalista, uma tradutora, fazer roteiros para Globo, onde ela trabalhou. Daí vem essa crítica negativa dela a uma abordagem muito técnica, própria da crítica especializada e acadêmica.

Nos fins dos anos 1970, no Rio de Janeiro, o discurso que tinha conquistado uma hegemonia era o estruturalismo na PUC e na UFRJ. Na UFRJ, um estruturalismo literário, a primeira fase do Barthes, Todorov, Greimas. Já o Luiz Costa Lima, da PUC, divulgava um estruturalismo completamente diferente, o etnológico de Lévi-Strauss. Partindo daí, ele construiu análises literárias clássicas, dentro da metodologia que Ana Cristina Cesar odiava. A matematização do literário era uma coisa que ela não gostava. Os esquemas que Costa Lima e o próprio Silviano Santiago faziam, que eram muito fascinantes, apresentavam uma espécie de matematização cartesiana, ou geometrização do metadiscurso crítico.

Ana Cristina Cesar interessava-se pela literatura enquanto objeto de cultura, pouco ou não-especializado. Logo, olhava o texto literário como um objeto dirigido a um público amplo, não como um objeto de conhecimento para um grupo de especialistas. De alguma

forma, ela considerava que, fora da universidade, existiam pessoas que amavam literatura, sabiam e liam muito mais do que qualquer professor universitário. Pessoas que não eram profissionais de literatura, mas simplesmente conheciam os livros.

Ela buscava conhecimento em outros lugares. Por exemplo, teve uma ocasião em que fomos passar um feriadão na casa da família em Pedra Sonora e ela estava lendo Hannah Arendt em pleno feriado, anotando o livro na hora do almoço e ainda comentava as ideias da filósofa alemã.

### **Conexões com outros movimentos da crítica brasileira**

Ana Cristina Cesar lia muita crítica literária, acompanhava tudo. Tem até um artigo dela sobre as traduções que Augusto de Campos fez, que são só interjeições positivas. Ela tinha admiração profunda pelos concretistas.

No caso do Roberto Schwarz, ele era um ícone no grupo da Heloisa Teixeira. Mas existia uma inquietude da Ana Cristina com uma esquerda mais ortodoxa. Ela identificava uma hipocrisia do intelectual pequeno burguês de esquerda, que combate o capitalismo, mas ganha uma bolsa de estudos e passa anos em Paris. E ela queria ser muito verdadeira em relação a sua própria vida pequeno burguesa. Então, tinha, às vezes, um discurso muito agudo contra o que seria uma esquerda ortodoxa. Isso não era tão simples, pois não tinha a ver apenas com o temperamento dela, era um clima que emergia dentro do jornal *Opinião*, uma crítica *New Left* às posições culturais do hegemônico, na esquerda, Partido Comunista, em aliança com as oposições burguesas à ditadura.

Eu acompanhei de longe, pois ainda não morava no Rio ainda quando ela e outras pessoas tomaram conta da sessão de cultura do *jornal Opinião*. Tinha o Julio Cezar Montenegro e outros jornalistas com a cabeça anti-partidão e anti-esquerda ortodoxa, estava lá o Carlos Henrique Escobar, de uma esquerda intransigente e oposta a alianças. *Opinião* era o jornal do Fernando Henrique Cardoso, de uma oposição burguesa à ditadura, a grande voz de uma elite intelectual de esquerda liberal.

Estávamos em um período marcado por episódios de repressão forte, como os que aconteceram em 1976 e 1977, de tortura e até de execuções. Mas, de forma geral, a luta armada já havia acabado e a grande questão era participar dos movimentos sindicais e das eleições que estavam sendo paulatinamente toleradas. O pessoal da cultura, no *Opinião*, entrou em divergência e achou que não dava mais para continuar no jornal que julgava culturalmente conservador. Naquela época, o Glauber Rocha foi se encontrar com Ernesto Geisel.

Nesse início de abertura, a oposição de centro esquerda dialogou com Geisel e conseguiu soltar presos políticos. O movimento de dentro do *Opinião* repudiou isso

completamente. Então, esse grupo saiu do *Opinião* e criou o *Beijo*, que era outra coisa, uma *new left*, uma *esquerda 68*, comportamental, feminista. A Ana tava lendo o feminismo e, assim, fez-se o *Beijo* que durou pouco tempo, mas lendo pode-se ver uma intensidade de novas perspectivas políticas, críticas, culturais.

### **"O poeta fora da república: o escritor e o mercado"**

No artigo "O poeta fora da república: o escritor e o mercado", que publicamos juntos no *Opinião*, Ana Cristina Cesar era encarregada da leitura de Platão, da República, pois ela tinha acabado de fazer um curso com o Costa Lima e eu era pessoa ligada ao movimento, ia em reuniões de oposições sindicais de jornalistas e professores, pois eu ainda não sabia se ia querer ser jornalista ou professor.

Desde o meu último ano em Brasília e já no Rio, eu me correspondia muito com um movimento de poetas do Paraná e do Ceará, que tinham coletivos e cooperativas. A Ana queria compatibilizar duas coisas: trazer o intelectual na concepção do Platão e um outro tipo de movimento intelectual que era de fora das instituições. E, de alguma forma, acho que o interesse dela em me chamar para a escrita é que ela achava que eu poderia, de alguma forma, completar uma reflexão sobre o intelectual na República, com essa outra dimensão da democratização, tema muito forte da nossa geração, inclusive nas artes plásticas, na busca de pensar a arte como instituição em mutação. Entre a adesão e a rejeição da arte como instituição, num momento em que o vanguardismo estava sendo incorporado por museus e currículos.

Na literatura, estávamos interessados em conhecer os esquemas alternativos ao grande mercado, investigando se existia uma relação mais igualitária e mais democrática entre escritores e editoras. Ainda hoje, a mesma questão se coloca, de maneira mais dramática, pois estamos vivendo uma época de reivindicação pelo direito à escrita e, mais do que nunca, a questão dos circuitos alternativos do literário está colocada. Trata-se da mesma questão dos anos 1970, mas lá era limitada ao mundo dos escritores. E, nos dias atuais, é uma questão de cidadania muito mais ampla.

### **Ana Cristina Cesar nos anos 1980: crítica, tradução e a literatura escrita por mulheres**

Quando Ana Cristina Cesar voltou do mestrado na Inglaterra, no início dos anos 1980, os principais jornais da imprensa alternativa tinham acabado, como o *Opinião*. Sem esse espaço, a grande imprensa e o mercado editorial se abriram para a crítica universitária, com pessoas da universidade escrevendo resenhas. Então, ela escreveu nos suplementos e periódicos mais lidos no país. Era muito profissional e levava o trabalho

muito a sério. Ela gostava muito de ter uma circulação maior, embora apesar de ser um tipo de trabalho precarizado, como freelancer.

O fato dela começar a escrever sobre a tradução nesse período mostra que ela descobriu um caminho no interior da academia. Coursou a pós-graduação em tradução na Inglaterra e estava investindo na tradução como o seu quinhão, o seu nicho de uma profissionalização acadêmica e, ao mesmo tempo, no mercado, porque como tradutor você precisa trabalhar na imprensa e na indústria editorial: universidade e mercado cultural são aí duas faces da mesma moeda.

A erudição de Ana Cristina Cesar vem de uma leitura intensa e atenta dos detalhes do texto. Assim, a tradução satisfaz o desejo de se misturar com a linguagem de maneira poética e criativa. Ela foi uma grande tradutora das grandes escritoras mulheres. Hoje circula uma percepção da Ana Cristina pelo lado dito fútil, de gostar se arrumar, pois ela adorou tirar fotografias nos mais diferentes ângulos, fazendo poses. Mas ela tem o outro lado que é de uma formação intelectual consistente. Ao mesmo tempo que ela curti o feminino das novelas de televisão, o clichê, ela se interessou por um feminismo radical, embora com o tempo tenha criticado o radicalismo mais militante, justamente por resgatar de maneira positiva e sentimental o feminino de sempre. Era uma ambiguidade em Ana C.

Quem pegou esse bastão do feminino foi a própria Heloísa Teixeira (ex-Buarque de Hollanda), depois que voltou em 1986 de um pós-doutorado nos Estados Unidos, já três anos depois da morte de Ana C. As duas tinham feito essas leituras. A ausência de linhagens feministas quando você escreve a história da filosofia, da literatura, da história das artes ou do cinema eram apontadas por ambas. Ana Cristina teve uma conduta de *sororidade* no meio intelectual.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter*. 10ª ed. São Paulo: Martins, 1974.

*Beijo*. Rio de Janeiro, n° 1, p. 27 – 28, nov., 1977.

CAMPOS, Haroldo de. *Metalinguagem: ensaios de teoria e crítica literária*. 2. edª Petrópolis: Vozes, 1970.

CESAR, Ana Cristina. Pensamentos sublimes sobre o ato de traduzir. Inédito, Inglaterra, fev. de 1980. *Alguma Poesia*, Rio de Janeiro, n° 2, abr. – jun., 1985.

\_\_\_\_\_. *Crítica e tradução*. Org. Armando Freitas Filho. 1ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1999.

\_\_\_\_\_. *Inconfissões: fotobiografia de Ana Cristina Cesar*. Organização e prefácio: Eucanaã Ferraz. São Paulo: IMS, 2016.

\_\_\_\_\_. Bonito demais. *Leia Livros*, São Paulo, n° 58, p. 20 – 21, jun. – jul., 1983.

CESAR, Ana Cristina; MORICONI, Italo. O poeta fora da República: o escritor e o mercado. *Opinião*, Rio de Janeiro, n° 229, p. 20 - 21. 25 mar., 1977.

MORICONI, Italo. *Ana Cristina Cesar: o sangue de uma poeta*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.

\_\_\_\_\_. Um passeio pelo baú de Ana Cristina Cesar, a poeta homenageada da Flip. *Folha de São Paulo*. Serafina, 26 de junho de 2016. *Online*. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/serafina/2016/07/1785340-um-passeio-pelo-bau-de-ana-cristina-cesar-a-poeta-homenageada-da-flip.shtml>. Acesso: 10 dez. 2023.

\_\_\_\_\_. *Um passeio pelo baú de Ana Cristina*. Português. 2020. 1 vídeo (1h 57 min.). Organização: Masé Lemos e Carla Miguelote. Publicado pelo canal Audiovisual Letras – Unirio. Disponível em: <https://youtu.be/eYWqcl45FjY>. Acesso em: 14 jun. 2023.

### **Declaração de contribuição dos autores**

*Raquel Machado Galvão* produziu, elaborou e conduziu a entrevista. Além disso, realizou a edição final com supervisão de Viviana Bosi e leitura de Italo Moriconi.

*Italo Moriconi* colaborou com o depoimento e na revisão final do texto.

Os autores assumem a responsabilidade total pelo conteúdo do depoimento que foi gravado em áudio.

### **Declaração de conflito de interesse**

Todas as pessoas envolvidas na entrevista e na resenha, incluindo autores e editores, indicam que não há conflito de interesses no texto, sendo utilizado exclusivamente para fins de divulgação do trabalho de Ana Cristina Cesar e da pesquisa *Conexões Críticas*.

### **Declaração de disponibilidade de dados da pesquisa**

Todo o conjunto de dados de apoio aos resultados deste estudo foi publicado no próprio texto.

### **Authors' contribution statement**

*Raquel Machado Galvão* produced, developed, and conducted the interview. Additionally, she carried out the final editing under the supervision of Viviana Bosi and with input from Italo Moriconi.

*Italo Moriconi* contributed with the testimony and during the final revision of the text.

The authors take full responsibility for the content of the testimony, which was recorded in audio format.

### **Conflict of interest statement**

All individuals involved in the interview and review, including authors and editors, indicate that there are no conflicts of interest in the text, which is used exclusively for the purpose of promoting the work of Ana Cristina Cesar and the *Critical Connections* research.

### **Research data availability statement**

The entire dataset supporting the results of this study was published in the article itself.

## Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.